

ESTUDO DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS POR MEIO DO MÉTODO DOCUMENTÁRIO

STUDY OF INFORMATIONAL PRACTICES BY MEANS OF THE DOCUMENTARY METHOD

 Anderson Luis Cambraia Itaborahy¹

 Ivette Kafure²

¹ Doutorando em Ciência da Informação pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB).


E-mail: anderson.itaborahy@gmail.com

² Professora da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

E-mail: ivettek@unb.br



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 16 maio 2023.

Aceito em: 8 jun. 2023.

Publicado em: 31 jul. 2023.

Como citar este artigo:

ITABORAHY, Anderson Luis Cambraia; KAFURE, Ivette. Estudo das práticas informacionais por meio do método documentário. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 292-306, jul. 2023. DOI: 10.36517/2525-3468.ip.v8iesp.2023.88931.292-306.

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar o resultado de uma investigação teórica sobre a aplicabilidade dos princípios da Sociologia Praxiológica do Conhecimento, por meio do Método Documentário, como instrumento para estudo das práticas informacionais em grupos sociais. Tal investigação se justifica como contribuição à busca por formas de estudar os mecanismos sociais e interativos na informação sob a perspectiva do paradigma social na Ciência da Informação. A metodologia adotada foi a pesquisa exploratória, baseada em revisão não sistemática de literatura científica sobre métodos de pesquisa qualitativa nas Ciências Sociais. A discussão conduzida indica os pontos de contato entre a Sociologia Praxiológica do Conhecimento e as perspectivas de estudo das práticas informacionais, especialmente com relação à construção coletiva de significados, concluindo pela aplicabilidade do Método Documentário nesse estudo. Espera-se assim contribuir para a enriquecer as bases teóricas e metodológicas para a compreensão do fenômeno informacional em suas várias dimensões.

Palavras-chave: estudos de usuários; práticas informacionais; sociologia praxiológica do conhecimento; método documentário.

ABSTRACT

The objective of this paper is to present the findings of a theoretical investigation on the applicability of the principles of the Praxeological Sociology of Knowledge, through the Documentary Method, as a tool for studying informational practices in social groups. Such investigation is justified as a contribution to the search for ways to study the social and interactive informational mechanisms from the perspective



of the social paradigm in Information Sciences. The methodology adopted was exploratory research, based on a non-systematic review of scientific literature on qualitative research in the Social Sciences. The discussion conducted indicates the points of contact between the Praxeological Sociology of Knowledge and the perspectives of study of informational practices, especially regarding the collective construction

of meanings, concluding for the applicability of the Documentary Method in that study. It is expected to contribute to enrich the theoretical and methodological bases for the understanding of the informational phenomenon.

Keywords: user studies; information practices; praxeological sociology of knowledge; documentary method.

1 INTRODUÇÃO

Araújo (2016) aponta três fases ou abordagens no estudo de usuários, associadas aos diferentes paradigmas da Ciência da Informação e aos conceitos de informação subjacentes.

Na primeira abordagem, designada “Estudos do Uso da Informação”, o foco está principalmente nos serviços de informação e sua organização, na frequência e forma de seu uso, numa visão quantitativa e mecanicista, considerando o usuário como passivo e ignorando sua dimensão subjetiva (BAPTISTA; CUNHA, 2007). A finalidade desses estudos seria estabelecer leis e padrões de uso dos serviços.

A informação, nesse caso, é considerada um objeto em si, com propriedades que podem ser medidas e registradas, e existindo independentemente do indivíduo, conforme o paradigma físico da Ciência da Informação.

A segunda abordagem, os “Estudos de Comportamento Informacional”, toma por base o paradigma cognitivo, que entende a informação como uma estrutura mental do indivíduo. A informação, conforme definem Belkin e Robertson (1976), seria aquilo capaz de alterar essa estrutura mental.

A partir da constatação de uma necessidade ou uma lacuna no seu conhecimento, o indivíduo dispararia um processo de busca e interpretação da informação. O foco passa da informação-objeto para o indivíduo, que seria o agente capaz de lhe atribuir significado. Tem-se uma visão da informação como conhecimento.

A partir da década de 1990, surge um movimento de questionamento das visões até então adotadas. Frohmann (1992) tece fortes críticas à abordagem cognitiva e ao estudo do comportamento informacional. Sugere que essa seria uma abordagem ainda essencialmente mecanicista, que ignora o caráter histórico e social da informação.

Tanto o estudo do uso da informação quanto o do comportamento informacional ignorariam os aspectos conflituosos e cooperativos, culturais e políticos, que aproximam a dinâmica social mais de um jogo do que de uma troca de mensagens.

Savolainen (1995), por sua vez, entende que questões subjetivas, socioculturais e de competências individuais mereceriam mais atenção do que lhes era dado até então, propondo, em resposta, uma abordagem que observa as estratégias de busca de informação no cotidiano dos indivíduos no esforço por manter um estilo de vida pretendido.

Surge, nessa fase, uma terceira abordagem, a do “Estudo das Práticas Informacionais”, vinculada a um paradigma social que tem foco no grupo social que molda a percepção do indivíduo, mas que também é moldado por ele. A informação não é uma construção puramente subjetiva, uma estrutura mental individual, mas uma construção social de sujeitos informacionais, como define Araújo (2013).

O Estudo de Práticas Informacionais observa o que está sob os comportamentos desses sujeitos informacionais, como constroem sentido em suas ações, como utilizam e produzem informação nesse processo, como são influenciados pelo grupo social enquanto criam sua própria visão do mundo a partir de seus vários papéis na sociedade.

Para avançar no Estudo das Práticas Informacionais em toda sua complexidade, são necessárias abordagens diversas daquelas utilizadas anteriormente, tanto na perspectiva física quanto cognitiva, ou seja, é preciso ir além dos instrumentos utilizados no estudo de uso da informação e no estudo de comportamentos informacionais.

A necessidade de compreender a informação enquanto um produto social em suas muitas e complexas dimensões, tem levado os pesquisadores do campo a aproximarem-se mais das Ciências Humanas e Sociais e dos métodos qualitativos, em lugar dos paradigmas das Ciências Naturais e das abordagens puramente quantitativas.

Na origem do paradigma social e do estudo das práticas informacionais, está um movimento mais amplo ocorrido nas ciências sociais em geral de valorização da prática cotidiana, com forte influência do sociólogo Pierre Bourdieu e seus conceitos de *habitus* (BOURDIEU, 2011) e sentido prático (BOURDIEU, 2002).

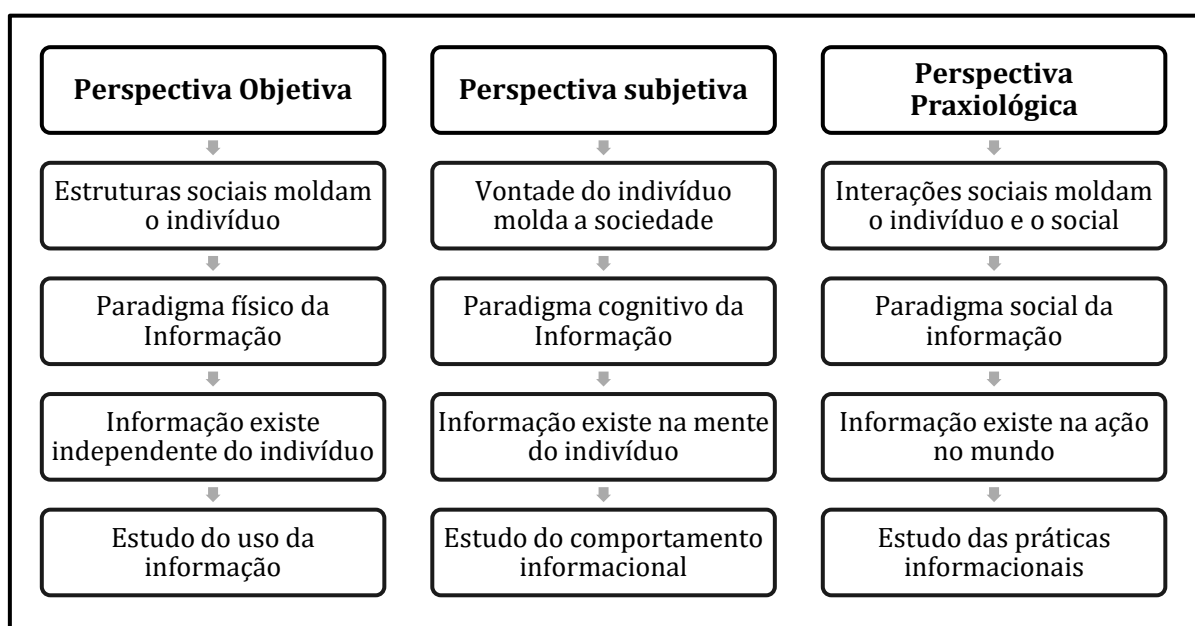
Essa “virada praxiológica” corresponde a uma série de movimentos nas ciências humanas e sociais no sentido de adotar uma perspectiva da prática para observar os fenômenos sociais e a conduta humana, tendo por base as ações dos indivíduos no mundo,

ou seja, uma ontologia que identifica as práticas como elemento fundamental do mundo social e deriva daí uma série de diretrizes metodológicas e analíticas (PETERS, 2020).

A perspectiva praxiológica busca superar a dicotomia existente até então entre objetivismo e subjetivismo, apontando que as interações sociais moldam o indivíduo e este, ao mesmo tempo, molda o espaço social, num processo reflexivo contínuo, privilegiando um olhar sobre as pessoas e suas práticas cotidianas.

A Figura 1 ilustra a relação entre as perspectivas objetiva, subjetiva e praxiológica e as abordagens de estudos de usuários da informação.

Figura 1 – Perspectivas sociais e estudos de usuário da informação.



Fonte: Elaboração própria.

A valorização da vida cotidiana característica da virada praxiológica, que já existia no trabalho de Mannheim (1952, 1974) no início do Século XX, está presente em várias linhas de pesquisa, como a etnometodologia de Garfinkel (2018) que estuda as práticas sociais do dia-a-dia, a análise da conversa e suas dinâmicas como descrevem Watson e Gastaldo (2015), a teoria fundamentada proposta por Glaser e Strauss (1967) em que dados são coletados da observação da realidade sem a preocupação de testar uma teoria previamente estabelecida, ou a microssociologia e a análise da dramaturgia do cotidiano de Goffman (2014).

Seguindo a mesma corrente e dialogando com aquelas teorias, ainda que guardando diferenças, Bohnsack (2020) elaborou uma estratégia de pesquisa, à qual designa Método Documentário, a partir de uma abordagem reconstrutiva da pesquisa

social que tem seu fundamento teórico-epistemológico na Sociologia Praxiológica do Conhecimento (BOHNSACK, 2010, 2017, 2020).

O pesquisador reconstrutivo, com uso do Método Documentário, deve elaborar teorias por meio da observação da prática dos agentes sociais, interpretada a partir de suas declarações, narrações e ações. Essa perspectiva pode auxiliar os pesquisadores da Ciência da Informação na análise dos fatores humanos e sociais do fenômeno informacional, ampliando as possibilidades do estudo de práticas informacionais.

O trabalho aqui apresentado está inserido em um projeto de pesquisa mais amplo no qual se busca, como objetivo intermediário, identificar instrumentos que possibilitem entender as dinâmicas de mediação da informação em grupos sociais.

Nas próximas seções será apresentada a metodologia de pesquisa utilizada e, em seguida, discutidos os conceitos da Sociologia Praxiológica do Conhecimento e do Método Documentário de pesquisa social e sua aplicabilidade no estudo das práticas informacionais.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

A metodologia adotada foi a pesquisa exploratória qualitativa, baseada em revisão não sistemática de literatura científica.

Partiu-se da identificação de métodos qualitativos de pesquisa utilizados em Ciência da Informação e nas Ciências Sociais Aplicadas de forma geral. Buscou-se abordagens que tivessem foco na análise das atividades cotidianas e que permitissem observar elementos ocultos nas práticas de usuários da informação inseridos em grupos sociais.

2.2 A Sociologia Praxiológica do Conhecimento

Ainda nas primeiras décadas do Século XX, Mannheim (1974, 1986) desenvolveu sua visão de uma Sociologia do Conhecimento, baseada numa perspectiva historicista para tratamento do que chamava Ciências Culturais, as que se referem aos fenômenos

intelectuais. A Sociologia do Conhecimento tem por base a determinação existencial do conhecimento, sua criação social.

Um dos objetivos da Sociologia do Conhecimento é analisar a construção da visão de mundo de um grupo social numa determinada época, buscando compreender como ela pode ser revelada e como pode ser investigada e teorizada.

A visão de mundo seria uma construção atórica, que não é produto do pensamento, mas do viver cotidiano, pertence a um espaço sócio-histórico e sua construção não pode ser compreendida apenas teoricamente.

Para chegar ao entendimento da visão de mundo, Mannheim (1986) propõe a análise dos objetos culturais. Um objeto cultural, seja ele uma obra de arte, um discurso ou uma conversação, terá três níveis de significado.

O primeiro, dito objetivo, é dado pelas características do objeto em si, o segundo, expressivo, decorre da intenção de quem o produziu, já o terceiro nível, o significado documentário, evidencia o caráter essencial do objeto e documenta o espírito, a visão de mundo, do grupo social em que o produtor do objeto estava imerso.

Os dois primeiros níveis de significado, objetivo e expressivo, são resultados de uma ação consciente e estão ligados ao agente. O terceiro nível não é necessariamente percebido de forma consciente pelo agente, mas transparece no objeto cultural e pode ser interpretado a partir dele.

Bohnsack (2010, 2017, 2020) desenvolveu uma abordagem teórica e metodológica para a pesquisa social tendo por base a Sociologia do Conhecimento de Mannheim, na qual enfatizou o conceito de “praxiologia” a partir das ideias de Bourdieu (2002) sobre a formação do conhecimento pela *praxis*.

Na visão da Sociologia Praxiológica do Conhecimento o indivíduo vive num espaço de experiências que corresponde ao meio social no qual está inserido. Nesse espaço, o conhecimento pode ter a forma de conhecimento comunicativo, que é explicitado e formal, ou conhecimento conjuntivo, que é implícito, atórico e eminentemente relacionado à prática.

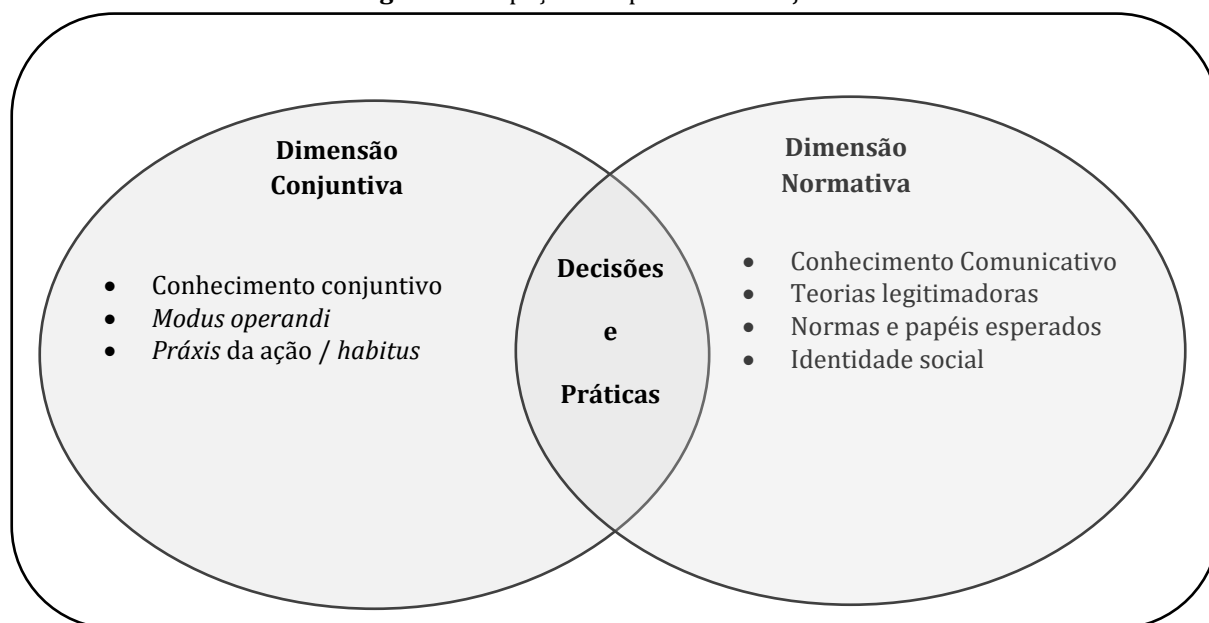
O espaço de experiências, portanto, se conforma numa dimensão normativa e em outra conjuntiva decorrente da prática nas interações sociais, conforme ilustrado na Figura 2.

A dimensão normativa corresponde aos aspectos explícitos, onde se define o papel esperado do indivíduo a partir da sua identidade social. A dimensão conjuntiva

corresponde à maneira como os indivíduos daquele espaço conjuntivo de fato operam, ao seu *habitus*, com os significados sendo atribuídos de modo reflexivo nas relações dentro do grupo.

A dimensão conjuntiva do espaço de experiências, conforme o conceito adotado por Bohnsack (2020), corresponde à ideia de *habitus* de Bourdieu (2011) no sentido de representar um sistema de pensamento, percepção e avaliação determinado de forma social e cultural por meio do qual o indivíduo se posiciona e age no mundo. O conceito também está ancorado na ideia de visão de mundo, ou *Weltanschauung* no original em alemão, de Mannheim (1986), que é produto do viver cotidiano e pertence a um espaço sócio-histórico.

Figura 2 – Espaço de experiências conjuntivas.



Fonte: Elaborado a partir de Bohnsack (2017).

Os conceitos de conhecimento explícito e implícito seguem aqueles utilizados por Polanyi (1966), que, inclusive, é citado por Bohnsack (2020), e compartilham a ideia de que todo conhecimento, ainda que explícito, está ancorado em um entendimento tácito que condiciona sua interpretação.

Mannheim, que está na base do trabalho de Bohnsack, e Polanyi foram contemporâneos e conviveram durante um período tendo havido, inclusive, troca de correspondência entre eles (MULLINS; JACOBS, 2005), donde se pode supor algum tipo de influência mútua.

É no espaço de experiências conjuntivas que reside o vínculo social do pensamento do indivíduo, onde as experiências são compartilhadas criando-se significados e representações coletivas. O indivíduo está sujeito a ambas as dimensões, ou seja, ele se encontra na interseção entre o normativo e a vivência, produzindo aí suas decisões e definindo suas práticas.

As dimensões conjuntiva e normativa também se influenciam mutuamente, com as ações práticas dos indivíduos influenciando nas definições normativas que, por sua vez, também influencia nas dinâmicas nos grupos sociais. A norma também é um produto social.

Para se interpretar o espaço de experiências de um grupo, é necessário analisar as distinções entre o conhecimento comunicativo e o conjuntivo partilhados. Essa análise permitirá também compreender as relações entre normas e *habitus*, entre qual é o caminho esperado para o indivíduo, pela sociedade ou por ele próprio, e sua efetiva realização, com eventuais discrepâncias.

2.3 O Método documentário e a pesquisa reconstrutiva

Bohnsack (2020) define sua abordagem de pesquisa como reconstrutiva em oposição à abordagem mais tradicional, à qual se refere como teste de hipótese, característica das ciências naturais, mas também utilizada nas ciências humanas e sociais. Segundo o autor essa é a oposição metodológica essencial e não aquela que compara métodos qualitativos e quantitativos.

A pesquisa reconstrutiva reforça o vínculo com a experiência cotidiana, de cuja observação o pesquisador busca formar teorias que respondam a uma pergunta de pesquisa. A formação de teorias e a identificação de tipos é feita a partir da reconstrução metodicamente controlada da prática cotidiana por meio da interpretação do que é dito, mas, principalmente, da análise de como esse discurso é construído.

Diferentemente da abordagem de teste de hipótese, em que o pesquisador vai a campo com uma teoria definida que busca validar ou negar, o pesquisador reconstrutivo busca que a teoria surja da observação da realidade.

Os métodos reconstrutivos pretendem minimizar a intervenção do pesquisador, concentrando-se no controle metodológico. Desta forma, numa entrevista ou em um

grupo de discussão, as perguntas são o mais abertas possível, deixando que o pesquisado julgue a relevância do que deve ser respondido a partir de sua própria perspectiva.

O método documentário foi desenvolvido por Bohnsack (2020) de forma empírica ao longo da prática de pesquisa com grupos de discussão de coletivos de jovens em diferentes contextos sociais da Alemanha, mas tendo como traço comum estarem na transição para a idade adulta e o mercado de trabalho, o que possibilitava compará-los.

Diferentemente de Mannheim (1986), entretanto, Bohnsack (2020) trabalha no nível de significado objetivo, que pode ser observado, por exemplo, nas conversas de um grupo de discussão, e busca interpretar o nível documentário, identificando nessa conversação os elementos que permitam reconstruir os tipos daquele contexto. Não considera o nível expressivo, aquele que está ligado à psicologia do agente por estar essa dimensão além do alcance direto pelo pesquisador.

Os grupos de discussão são um elemento essencial da análise reconstrutiva pelo método documentário. Os grupos devem ser formados a partir de alguns elementos comuns, sendo o foco do pesquisador observar as diferentes maneiras como tratam temas idênticos ou comparáveis.

A finalidade da análise é interpretar o contexto ou meio social, conhecendo, mais que opiniões, as vivências coletivas do grupo representado. As discussões em grupos reais remetem às experiências individuais e coletivas compartilhadas que articulam o modelo de orientação das práticas daquele grupo.

Grupos de discussão formados por pessoas que partilham um mesmo espaço de experiências, que trabalham juntas, por exemplo, reproduzem seus processos comunicativos e permitem identificar as características sociais e experiências coletivas, indicando a visão de mundo do grupo e o quadro que orienta suas práticas.

Estando num grupo social com o qual é familiar, o participante tende a ficar mais à vontade, desenvolvendo um diálogo que reflete melhor a prática cotidiana, desta forma o grupo de discussão permite perceber detalhes das dinâmicas cotidianas que não seriam capturados numa entrevista, por exemplo. A dinâmica do grupo tende a revelar uma visão coletiva que já existia, mas que não era necessariamente percebida pelos participantes.

A visão de mundo do grupo e seu quadro de orientação são construções ateóricas (ou seja, não são teorizadas, explicadas, pelos membros), não necessariamente conscientes nem intencionais. São elaboradas a partir das vivências práticas compartilhadas pelo grupo fazendo com que seus membros se compreendam mais

facilmente entre si, sem a necessidade de explicitação, e, desta forma, ajam de maneira coerente.

O papel do pesquisador é interpretar o quadro de orientação do grupo por meio da explicação teórica desse conhecimento atóxico. Para isso ele deve buscar não “o que é” uma realidade ou “por que” ela é assim, mas sim “como” ela é constituída. A análise deve buscar os aspectos informais, tácitos, das práticas do grupo, indo além dos aspectos normativos explícitos.

Na realização da sessão do grupo de discussão, o pesquisador deve interferir o mínimo possível, apresentando questões abertas e deixando que o grupo conduza a discussão livremente, inclusive introduzindo outros temas. Ao pesquisador cabe estimular a discussão e buscar que os aspectos relacionados à questão de pesquisa sejam tratados.

O discurso produzido enquanto o grupo discute os temas é que será objeto do trabalho de reconstrução, que se divide em quatro fases.

A primeira fase é a interpretação formulada, onde o pesquisador identifica os temas e subtemas mais relevantes para a pergunta de pesquisa e, também, aqueles aos quais o próprio grupo atribuiu maior ênfase.

Os trechos selecionados deverão ser transcritos a partir da gravação (de áudio ou vídeo) da sessão do grupo de discussão segundo uma técnica específica (BOHNSACK, 2020, p. 307) que representa graficamente aspectos característicos da conversa e sua dramaturgia, indo além da ortografia convencional e indicando comportamento e entonação dos participantes. A interpretação é feita a partir dessa transcrição.

Na fase de interpretação formulada o pesquisador reconstrói a estrutura temática da conversa, organiza o texto de modo que possa ser compreendido por alguém estranho ao grupo e à sessão de discussão e prepara-o para a fase seguinte.

Na segunda fase, a interpretação refletida, o pesquisador irá reconstruir o quadro em que se deu a discussão, observando o desenvolvimento do discurso tanto do ponto de vista dos indivíduos e sua dramaturgia como das interações que formam a orientação coletiva. A busca é por momentos de maior densidade, onde os indivíduos passam para um segundo plano e destaca-se o grupo, caminhando para a construção de uma conclusão coletiva.

A terceira fase trata da descrição do caso, apontando as orientações gerais do discurso e a forma como este se desenvolve, destaca o quadro de orientação

demonstrando como o grupo se articula e desenvolve o discurso comum que representa sua visão de mundo.

Na quarta fase acontece a construção de tipos. Os tipos são identificados por meio da comparação entre horizontes referenciais opostos, ou seja, entre diferentes grupos de discussão ou entrevistas narrativas que compartilhem um elemento que os una, considerando os casos comparados como documentos de um tipo, identificando relações que apontem para a origem das orientações dos grupos analisados.

O conceito de tipo no método documentário corresponde ao tipo-ideal conforme proposto por Weber (2006) como um recurso metodológico para possibilitar a análise dos fenômenos da vida social. Um tipo-ideal é obtido pela ênfase de um ou vários aspectos da realidade que se pretende estudar, estando tais aspectos presentes em vários casos isolados, em maior ou menor grau, mas não correspondendo, em si, a um caso real efetivamente observável.

Um tipo representa uma orientação relevante em um determinado contexto, cujo processo de gênese foi identificado e que apresenta um potencial de se reproduzir em outros grupos, podendo, desta forma, ser considerado acima dos casos específicos.

Na reconstrução documentária, Bohnsack (2020) enfatiza a distinção entre compreensão e interpretação. Segundo ele, a compreensão depende de um contexto experiencial comum, num espaço de relação conjuntiva, e se dá num plano atóxico. Ou seja, a compreensão resulta do compartilhamento de um certo espaço de significados que dispensa teorização.

O pesquisador trabalha principalmente a interpretação, que é um esforço teórico-conceitual e, para isso, deve suspender seu julgamento de validade sobre o que é falado, distanciando-se do contexto que observa.

A interpretação documentária busca reconstruir um contexto experiencial do qual o pesquisador não faz parte, logo não compartilha seu espaço de significados. A busca é por identificar o espaço de orientação, o *habitus*, que é indicado pelo significado documentário presente na discussão, mas que está além da intenção consciente dos indivíduos.

O método documentário, a partir de sua base teórica e conceitual na Sociologia Praxiológica do Conhecimento, indica um conjunto de princípios que devem orientar a análise dos espaços conjuntivos.

O princípio da postura genética pelo qual o pesquisador deve suspender seus critérios próprios de julgamento e validade, rejeitando hipóteses *ex-ante* e permitindo que a teoria possa emergir da pesquisa. Essa maior abertura no campo permitirá um maior controle metodológico na análise.

O princípio da reconstrução do conhecimento dos pesquisados por meio da interpretação textual e da análise sequencial de grupos de discussão e entrevistas.

O princípio da análise comparativa, que é base da interpretação e gera conhecimento para a identificação de tipos que estão acima dos casos individuais. Pode haver comparação entre indivíduos no mesmo contexto, tratando o mesmo tema e, também, entre grupos diferentes ou temas diferentes, desde que compartilhem um elemento que oriente a comparação. Essa escolha é orientada pela pergunta de pesquisa, de forma ampla. A comparação busca identificar semelhanças e diferenças que facilitem a compreensão do fenômeno, não pretende hierarquizar os grupos ou experiências.

Bohnsack (2020) destaca dois pontos muito relevantes da sua pesquisa social reconstrutiva, que caracterizam uma conexão profunda entre a concepção teórico-metodológica e a aplicação prática.

O primeiro desses pontos trata de fatores que condicionam a interpretação e determinam sua validade. Toda interpretação é condicionada pelo contexto do observador, sua condição social, local ou existencial. O método documentário busca mitigar o risco de alguma distorção que possa vir desse condicionamento por meio da postura genética, em que o observador afasta suas concepções de verdade e reconhece que toda visão é ideológica, inclusive a sua própria. Os horizontes de comparação devem se basear em representações de vivências dos pesquisados por meio, por exemplo, de diferentes grupos de discussão.

O segundo ponto reforça o aspecto essencialmente praxiológico da metodologia reconstrutiva, ancorando-a profundamente na prática social e reconhecendo a importância do conhecimento implícito na pesquisa.

2.4 Resultados: possibilidades de aplicação no estudo de usuários da informação

O Estudo de Práticas Informacionais observa o que está sob os comportamentos dos sujeitos informacionais, como constroem sentido em suas ações, como utilizam e

produzem informação nesse processo, como são influenciados pelo grupo social enquanto criam sua própria visão do mundo a partir de seus vários papéis na sociedade.

No ambiente social, seja ele a família, uma organização empresarial ou uma instituição estatal, os indivíduos não estão isolados, não definem sua relação com a informação apenas a partir de suas motivações subjetivas, eles agem a partir de suas interações no grupo, de suas relações, alianças e parcerias.

Como afirma Araújo (2017, p.14):

[...] o que existe não são apenas indivíduos isoladamente tomados, totalmente singulares e idiossincráticos em sua relação com os recursos informacionais, mas sim indivíduos que agem de maneira reciprocamente referenciada, que desenvolvem, em comum e nas atividades cotidianas, uma forma própria de lidar com a informação que é compartilhada. Essa forma própria acaba por se constituir em algo do grupo, constitui uma cultura.

A Sociologia Praxiológica do Conhecimento e o Método Documentário fornecem instrumentos teóricos e metodológicos adequados ao estudo dessa cultura, possibilitando observar grupos de discussão arranjados em torno de situações compartilhadas de relação com a informação, como uma equipe que trabalhe junta, uma classe de estudantes ou, até mesmo, usuários de um serviço de informação.

O princípio da postura genética do Método Documentário, com a colocação de perguntas abertas e de pouca intervenção do pesquisador, deixa os membros do grupo livres para explorar o tema.

A análise posterior desse discurso tem a capacidade de revelar o esquema de referência daquele grupo e a construção de seu quadro de orientação conjuntivo. A comparação com outros grupos pode apontar que aspectos de orientação transcendem as especificidades de cada grupo e indicam tipos que podem ser desenvolvidos em conceitos e teorias mais gerais que expliquem aspectos das práticas informacionais.

3 CONCLUSÕES

Neste artigo buscou-se apresentar, em linhas gerais, uma abordagem de pesquisa que pode ser aplicada ao estudo das práticas informacionais na perspectiva do paradigma social da Ciência da Informação.

A Ciência da Informação tem suas raízes ligadas à teoria matemática da comunicação formulada por Shannon e Weaver tendo, durante muito tempo buscado uma

aproximação com as Ciências Naturais e seus métodos. Araújo (2009) aponta a prevalência de um paradigma positivista que se consolidou mesmo na visão cognitiva. Os estudos ligados ao paradigma social afastam-se dessa perspectiva e aproximam a Ciência da Informação das Ciências Humanas e Sociais, com seus objetos e fenômenos complexos e fluídos.

O indivíduo é, como afirma Mannheim (1986), cidadão de vários mundos que se entrecruzam e deve ser compreendido nessa multidimensionalidade. Pesquisadores em Ciência da Informação buscam novos referenciais teóricos e metodológicos que os auxiliem a explorar novos ângulos de estudo. Nesse sentido, a Sociologia Praxiológica do Conhecimento e a pesquisa reconstrutiva por meio do método documentário oferecem novas possibilidades, novas lentes para observar o fenômeno informacional em seus aspectos humanos e sociais.

Como dito no início, este artigo está inserido em uma pesquisa mais ampla que contempla, em etapas subsequentes, a aplicação dos princípios da Sociologia Praxiológica do Conhecimento, por meio do Método Documentário, na análise de grupos de discussão formados por trabalhadores que tenham relações intensivas com informação no seu cotidiano profissional. Os resultados dessa aplicação serão apresentados em publicações futuras.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes Teóricas da Ciência da Informação. **Ciência da Informacao**, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p. 192–204, 2009.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários da informação: comparação entre estudos de uso, de comportamento e de práticas a partir de uma pesquisa empírica. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 61–78, 2016.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O Sujeito Informacional no Cruzamento da Ciência da Informação com as Ciências Humanas e Sociais. *In:* , 2013, Florianópolis. **ENANCIB XIV**. Florianópolis: ANCIB, 2013. p. 20.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Teorias e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Informação em Pauta**, v. 2, n. 2, p. 9–33, 2017.

BAPTISTA, Sofia Galvão; CUNHA, Murilo Bastos da. Estudos de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectivas em Ciencia da Informacao**, v. 12, n. 2, p. 168–184, 2007.

BELKIN, Nicholas J.; ROBERTSON, Stephen E. Information science and the phenomenon of information. **Journal of the American Society for Information Science**, Leesburg, VA USA, v. 27, n. 4, p. 197–204, 1976.

BOHNSACK, Ralf. A Multidimensionalidade do Habitus e a Construção de Tipos Praxiológica. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 12, n. 2, p. 22, 2010.

BOHNSACK, Ralf. **Pesquisa Social Reconstitutiva: introdução aos métodos qualitativos**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BOHNSACK, Ralf. Praxiological Sociology of Knowledge and Documentary Method: Karl Mannheim's Framing of Empirical Research. *In*: KETTLER, David; MEJA, Volker (org.). **The Anthem Companion to Karl Mannheim**. New York: Anthem Press, 2017. p. 199–220.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: Crítica social do julgamento**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma Teoria da Prática**. 1a. ed. Lisboa: Celta Editora, 2002.

FROHMANN, Bernd. The Power of Images: a discourse analysis of the cognitive viewpoint. **Journal of Documentation**, Bingley, UK, v. 48, n. 4, p. 365–386, 1992.

GARFINKEL, Harold. **Estudos de etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. New York, NY: Aldine de Gruyter, 1967.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Porto Alegre, RS: Editora Globo, 1952.

MANNHEIM, Karl. O Problema de uma Sociologia do Conhecimento. *In*: BERTELLI, Antônio; PALMEIRA, Moacir; VELHO, Otávio Guilherme (org.). **Sociologia do Conhecimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974. p. 13–80.

MANNHEIM, Karl. Sobre a Interpretacao da Weltanschauung. *In*: MANNHEIM, Karl (org.). **Sociologia do Conhecimento**. Porto: Rés Editora, 1986. v. I, p. 49–116.

MULLINS, Phil; JACOBS, Struan. Michael Polanyi and Karl Mannheim. **Tradition and Discovery: The Polanyi Society Periodical**, Lexington, VA, v. 32, n. 1, p. 20–43, 2005.

PETERS, Gabriel. A virada praxiológica. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, Portugal, n. 123, p. 167–188, 2020.

POLANYI, Michael. **The Tacit Dimension**. Chicago: University of Chicago Press, 2009.

SAVOLAINEN, Reijo. Everyday life information seeking: Approaching information seeking in the context of “way of life”. **Library and Information Science Research**, Amsterdam, NED, v. 17, n. 3, p. 259–294, 1995.

WATSON, Rod; GASTALDO, Édison. **Etnometodologia e análise da conversa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

WEBER, Max. **Max Weber: Sociologia**. Org. Gabriel Cohn. 7. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série grandes cientistas sociais).